

Ficção. Memória. Tempo: o pós-quarentena da COVID-19 e o Eu cindido pelo *isolamento social*

Fiction. Memory. Time: the Post-quarantine of COVID-19 and the Scission of the Self by Social Isolation

JACQUELINE OLIVEIRA LEÃO*

Resumo: Este texto, no diálogo com a Literatura, a Filosofia e a Psicanálise, se constrói como breve experimento de escrita do Eu no tempo muito próximo ao agora. O discurso do Eu, aqui apresentado, se quer crítico, reflexivo e, mais que tudo, poético, porque é recortado por um estado de ânimo de medo, de dor e de perdas em tempos de isolamento social e pós-quarentena da COVID-19. O escopo de discussão teórica e crítica, delineado por estas escritas, se acerca das noções de ficção, memória, tempo e cisão do Eu [perspectivas discursivas ficcionais ou não], a partir dos pontos de vista, breves na verdade, de autores como: Søren Kierkegaard, Zygmunt Bauman, Paul Ricoeur, Adam Mendilow e Sigmund Freud. Por outro lado, o poema *Atemporal*, em epígrafe, indaga, por si mesmo, quanto à subjetividade do Eu, na escrita e no discurso em primeira pessoa: o Eu, mesmo se pautando pela fidelidade às normas dos acontecimentos vividos em tempos de pandemia, não se reafirma como construção literária? Logo, a ficção, a memória e o tempo constituem-se como temas intrigantes de análise em tempos de isolamento social: o Eu que fica em casa, se expõe na mídia, reinventa a sua vida pessoal, inventa valores, se inventa como persona e pessoa. Tudo isso por meio, sobretudo, de práticas interativas de construção do próprio Eu nas plataformas digitais, certificadas, paradoxalmente, pela rubrica do suposto “ao vivo” e “tempo real”.

Palavras-chave: Ficção. Memória. Tempo. Cisão do Eu. Isolamento social.

* Jacqueline Oliveira Leão é Doutora em Letras: Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pós-Doutorado em Estudos Literários (UFMG), Mestre em Estudos Literários (UFMG) e Especialista em Teoria Psicanalítica (UFMG). Contato: jacleao@gmail.com

Abstract: This text, in dialogue with Literature, Philosophy and Psychoanalysis, is constructed as a brief experiment in writing the Self in the time very close to now. The discourse of the Self, presented here, wants to be critical, reflective and, above all, poetic, because it is cut by a state of mind of fear, pain and loss in times of social isolation and post-quarantine of COVID-19. The scope of theoretical and critical discussion, outlined by these writings, is about the notions of fiction, memory, time and the scission of the Self [fictional or not discursive perspectives], from the points of view, brief in fact, of authors such as: Søren Kierkegaard, Zygmunt Bauman, Paul Ricoeur, Adam Mendilow and Sigmund Freud. On the other hand, the poem *Atemporal*, in epigraph, asks itself about the subjectivity of the Self, in writing and in the first person's discourse: the Self, even if guided by fidelity to the norms of events lived in times of pandemic, is it not reaffirmed as a literary construction? Therefore, fiction, memory and time are intriguing themes for analysis in times of social isolation: the Self that stays at home, exposes itself in the media, reinvents its personal life, invents values, invents itself as a persona and person. All of this through, above all, interactive practices of building the Self on digital platforms, paradoxically certified by the rubric of the supposed "live" and "real time".

Keywords: Fiction. Memory. Time. Scission of the Self. Social isolation.

ATEMPORAL

*Rasgou o meu texto.
Tirou-me do meu contexto.
E eu contesto
O meu fazer nada
Sob controle.
Sobre o controle.
Controle remoto do meu tempo.
Tempo instável, remontado diariamente.*

D-I-A-R-I-A-M-E-N-T-E

*Instável em sua cisão.
Decido, então
Não me submeter ao tempo.
Do tempo de ficar
Aqui?*

Acolá?
 Em casa?
 Estancar o tempo. Por quanto tempo?
 Perder tempo. Ganhar tempo.
 Tempo de vida. Dê vida ao tempo.
 Em tempo:
 O tempo passa
 Por si mesmo
 De tempo
 em tempo
 Tempo. Atemporal.

Jacqueline Oliveira Leão

“O que é um poeta?”. A indagação apropriada do filósofo-literato Søren Kierkegaard (2013, p. 43) cai bem, aqui, já que persigo o meu ofício [talvez, também de poeta, por que não?] de escrever, na esteira da Literatura, da Filosofia e da Psicanálise [e nos seus vieses acerca da memória e do tempo], sobre a cisão do Eu, pós-quarentena da COVID-19. Sentido na pele por todos nós, sem dúvidas, o tempo de isolamento social interrompeu, abruptamente, a sociabilidade na realidade fática. Em certa medida, porém, essa foi a medida sanitária, considerada a mais eficaz e legítima pelos estudiosos em saúde, para, como afirmaram, achatar a curva de transmissão do Coronavírus. E, por ficar em casa, o tempo disposto em outras plataformas de existência, as virtuais, por exemplo, me fez suscitar questões. Daí, se penso é porque existo, penso então: afinal, o que é um poeta? O poeta, para Kierkegaard, é um homem infeliz cujo coração abriga profundos tormentos, e cujos lábios se moldam de tal forma que um suspiro ou grito, irrompidos deles, soam como bela música. Sim, provavelmente, seja isso mesmo, o que o tempo em casa também suscita: angústia.

Dos versos acima, irrompida está a angústia do tempo do “novo normal”. Angústia que se assenta no próprio ceticismo advindo [à revelia] da subjetividade do Eu: e o Eu, inscrito na escrita do poema, parece duvidar de qualquer ideia de tempo futuro. É isso. O Eu do poema põe em dúvida tudo, e “é preciso duvidar de tudo” (cf. KIERKEGAARD, 2003). Por outro lado, não só dos lábios da poeta, mas de todo o corpo, que também fala o tempo todo, irrompem os questionamentos, as críticas, os inconformismos, que representam esse “tudo, o quê?” da existência presente. Existência – singular – remontada todo

dia, presentificada pelo passar do ritmo do tempo, às vezes, lento; outras, meio sem tempo, e outras tantas fora do tempo, eu diria até mesmo, atemporal. Cito, transcrevendo, Søren Kierkegaard:

[...] Essa é uma aventura pela qual todos têm de passar: a de aprender a angustiar-se, para que não se venha a perder, nem por jamais terem estado angustiado nem por afundarem na angústia; por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado (KIERKEGAARD, 2010, p. 163).

Perseguindo, pois, o intento de inquirir-me a mim mesma quanto às questões já descritas até aqui, na tela em branco deste meu velho computador, gosto de me reportar à clássica pergunta de Giorgio Agamben (2009), que se apresenta mais ou menos assim: somos contemporâneos de quem ou do quê? Eu ousaria dizer que somos contemporâneos, hoje, de um tempo rasgado, recortado pelas fragilidades e incertezas do tempo do agora, do chamado “novo normal”. Tempo contestado, sobretudo, pela cisão do contato com o outro. Ou restrições de contato com o outro. Um tempo de quarentena. Um tempo de isolamento social. O tempo desconhecido de um vírus que se insurge, de uma doença não menos complicada e desafiadora, que coloca a ciência em xeque, ou melhor, em “deadline”, “contra a parede”, a fim de que, em curto espaço de tempo, seja apresentada, ao mundo globalizado, uma vacina segura e eficiente.

Se a metáfora, “contra a parede” é bem peculiar (bem clichê, por certo!), “contra a parede” também estão as estruturas dos sistemas de saúde, em nível mundial, sejam estes públicos ou privados, a fim de salvar vidas, prescrever e ofertar a melhor e possível medicação aos que a eles recorrem em tempos de Coronavírus. Contudo, há revezes. Revezes perceptíveis, sobretudo, nas tomadas de decisão, na política fomentada por suas diversas ideologias, travestidas em discursos confusos, manipuladores, cujas toadas soam distantes da própria Ciência. Valho-me, novamente, do meu caríssimo Kierkegaard, tais “eloquentes oratórias” – belezas discursivas abstratas? –, representam, ironicamente, “os versos sem conteúdo e as bagatelas que soam bem” (KIERKEGAARD, 2005, p. 40). E, se isso não bastasse, vale dizer que, ainda, há outros revezes: se há o grupo daqueles que estão “contra a parede”, para tentar garantir mais tempo de vida a todos nós, há, como noticiam os telejornais, o que estão “atrás das grades”, justamente, por desviar, dos cofres públicos, o dinheiro que deveria

ser destinado ao enfrentamento da pandemia, nessa tentativa de se garantir mais tempo de vida a todos nós. Enfim, o tempo que se delineia, já há algum tempo, é este também: tempo perverso.

E por escrever sobre o tempo, o tempo em que se fala e as questões que o legitimam enquanto atualidade, escrever sobre o próprio estado de espírito do Eu, a sua própria construção histórica de sujeito em tempos de isolamento social, a escrita se torna, por si mesma, uma experiência pautada, por assim dizer, no tempo de quem, por ora, escreve este texto. Daí, este texto vincar-se ao ato de recordar a existência e a sua singular relação de descontinuidade, de dissociação, de contradição e de fugacidade do ser e da vida. E, à medida que as palavras aqui dispostas ganham corpo e forma, a própria escrita traz à tona um retrato de construção de sujeito social em tempos de pandemia: o estar-se presente é estar-se ausente, mas esta presença virtual ganha contornos de realidade, tornando-se quase um novo espetáculo da vida real, em alusão a Guy Debord (1997). É válido dizer que, hoje, por exemplo, o Eu, que está em casa, se expõe na mídia, reinventa sua vida pessoal, inventa valores, se inventa como persona e pessoa. É o tempo da presença fabricada pelas tecnologias digitais e pelas próprias práticas interativas de construção do Eu, contudo esta existência do Eu é, artificialmente, certificada pela rubrica “ao vivo” ou em “tempo real”. Eu já escrevi, uma vez, assim:

[...] os relatos pessoais, as memórias, as obras históricas, os diários, as cartas pessoais compartilham também o status de ficção, embora se proponham a descrever os eventos vividos no mundo referente. Isso, por um lado, faz expandir o campo da literatura e o vasto domínio da escrita, colocando o leitor diante de realidades que se tornam próximas às suas experiências pessoais. Por outro lado, leva o leitor a imaginar e organizar o mundo de que fala a obra literária em si e o mundo que ela evoca, pois, se as obras existem sempre em diálogo com o mundo referente, a literatura não descreve o mundo, contudo pode representá-lo através de suas construções engenhosas (LEÃO, 2011, p. 73).

Por outro lado, se há o Eu do agora, virtualmente criado pelas parafernalias tecnológicas, o Eu outro, sombreado, recordando-me de Zygmunt Bauman (2007), é o que continua a viver no tempo recortado pelos sentimentos de medo e insegurança. Aliás, já se pensando no “Nós”, esses sentimentos nos são conhecidos desde muito cedo e há muito tempo, só que, agora, neste tempo, a ameaça é muito própria: um vírus? A realidade, que não é nada burlesca ou

hollywoodiana, vem, no tempo do agora, carregada, inclusive, de novos dispositivos de controle e monitoramento ostensivo do espaço social.

E esse tempo cindido pelo medo e insegurança ditou para o Eu o esconder-se por detrás de máscaras. O rosto mostrado, quase que só pela metade, constitui-se na nova moda e no novo imperativo social deste confuso ano de 2020. Ironicamente, em tempos de isolamento social, a dinâmica do consumo trouxe novos objetos de desejo, novos modismos que buscam fisgar um consumidor, um Eu, que, estando mais tempo em casa, se tornou [parece] mais próximo da família, dos afazeres domésticos, do seu próprio lar e do lar de si mesmo. Fácil perceber que as campanhas publicitárias, agora, procuram se concentrar [e muito] no trivial cotidiano: se antes, o terno e a gravata, o sapato bem engraxado; o terninho feminino e o “scarpin” na medida certa constituíam objetos de desejo, para um visual chique e elegante no trabalho, atualmente, não é mais esse vestir executivo ou coisa do gênero que dita a moda do “novo normal”. Os tempos são outros.

E, nestes tempos outros, se, obviamente, você é um dos sortudos, que escapou da roleta do desemprego, e tem, ainda, um contrato de trabalho vigente, vai notar que a moda, também, vigente, para o trabalho, é aquela do estilo mais despojado, mais livre, mais “fique em casa”. E, ficando em casa, o pijama se tornou o novo padrão de vestimenta dos que trabalham em casa, dos que estão em teletrabalho, dos que têm o seu escritório em casa, ou melhor – para soar bem sintonizada com o novo padrão vocabular –, dos que estão em “Home office”.

E por falar em novo padrão vocabular, que veio e vem na carona do Coronavírus, cujas palavras carregam esse modismo novo, incorporando novos significados à língua e à linguagem como um todo, no quadro do tempo que se desenha no agora, agora do “novo normal”, tornou-se normal ouvir, escrever e ler [mesmo sem saber, exatamente, o que os vocábulos, apropriados de outra língua, querem dizer], estrangeirismos aqui, aí, lá, acolá, que, nestes tempos doentes, já, até, quase perderam o “status” de vícios de linguagem. Daí, o léxico e, conseqüentemente, o texto vão se tecendo, no funcionamento dinâmico da língua, mais ou menos emaranhados, mais ou menos assim: a “Live” de tal dupla sertaneja ou outra atração tem data e horário para acontecer, com isso, é possível fazer doações, basta usar um determinado “QR Code”. O que se percebe é que essas atrações, na verdade, tentam dar sentido ao “Lockdown”, já que a cidade com o seu movimento peculiar parou, estagnou-se por

determinado tempo. Aliás, nunca foi tão evidente o tempo das entregas por motociclistas, usando as palavras da moda, do “Delivery”, do “Ifood”, do “Uber eats”. Claro, com bares e restaurantes fechados, o consumo, agora, é no formato “Take away” ou “Take out”. Virou moda também o “Face shield”, para aqueles que querem [tentar] uma proteção extra contra a COVID-19.

Novos tempos é fato. E é fato também que essas novas expressões passam a se integrar e a se somar a tantas outras expressões da nossa velha Língua Portuguesa “brasileira” [falada e escrita] de todos os dias. Contudo, se as recentes mudanças, em tempos de Coronavírus, trazem novos arranjos não só nos componentes linguísticos da fala e da escrita, como também nos comportamentos sociais, deles decorrem novos sentidos, novas leituras, embora a boca, o sorriso e a voz estejam, literalmente, abafados na mascarada realidade fática. Sem dúvidas, busco, aqui, perseguir o tempo como memória, como discurso, dentro de um tempo, por si mesmo, atemporal. Por isso, este texto se constrói como breve experimento de escrita, mais personalizado mesmo, porque é assestado pelo tempo muito próximo do agora, marcadamente inscrito por uma perspectiva sincrônica, recortada por um estado de ânimo, de medo, de dor e de perdas. O texto que se tece, de forma não menos acadêmica quanto autoral, carrega as marcas de um Eu cuja existência se pauta no tempo vivido do agora, nas amarras do isolamento social, e, por essa via, torna-se mais que mero objeto narcísico de exercício de escrita crítica, literária e filosófica.

Mas o que há mesmo de novo? O medo da morte? Nunca tive. Ou o medo de testar a vida sob os fios ameaçadores da morte? Isso, sim, talvez. Mas, como afirma o narrador de *A passagem tensa dos corpos* (MELLO, 2009), toda “palavra proferida ao redor da morte comporta, pelo menos, um fonema enlutado”. A ameaça é, de fato, o vírus, a COVID-19? Ou o que ameaça a todos nós é um sistema de saúde pública frágil, debilitado, cheio de nós? E qual é a normalidade desse novo agora? Ficar em casa, tentando escapar da morte? Ou adiar a morte? Ou ser poupado por ela? Por outro lado, leio, mais uma vez, o já citado narrador de Carlos de Brito e Mello:

Para que algo seja edificado pela morte, é preciso, entretanto, reconhecê-la e confirmá-la, conferindo-lhe seu inconfundível estatuto. Sem confirmação, nada poderá advir, e o morto será, sempre e desgraçadamente, reeleito a uma cadeira de vivo (MELLO, 2009, p. 15).

Dos corpos reconhecidos e confirmados pela morte, por meio de seu inexorável e inconfundível estatuto, eu afirmo: não vi, em tempos de outrora, como vejo hoje, tantos gráficos, índices de contabilização de mortes. A existência se efetivou, mais que antes, em dados matemáticos, estatísticos e probatórios. Eu reafirmo: não vi, em tempos de outrora, como vejo hoje, nada parecido em relação aos números inflexíveis constantes do trabalho de relatar mortes e mortos, mortos desprovidos, muitos, de um ritual fúnebre digno. Daí fico em casa, sigo isolada do outro. E qual é o lugar que esse outro passa a ocupar no tempo do agora? Um outro lugar. Um entrelugar. Seja na tela do computador ou do pequeno aparelho de tv ou celular, eu estou com você, você outro, no meu exercício duro de alinhar-me à alteridade, para constituir-me e fundar-me a mim mesma.

Vale dizer que a subjetividade, conforme Fábio Belo (2011), é marcada pelo outro. Não há a essência do sujeito, não se pode afirmar uma existência isenta da figura da alteridade, não há, no sujeito, algo que seja estritamente seu, próprio dele mesmo. O sujeito não nasce de si mesmo, o sujeito não está isento da influência e da manifestação do outro. Mas, então, a escrita do Eu já não seria, também, o registro de ficcionalização do próprio Eu, o Eu do poema, inclusive, se assim se pode dizer? O Eu encenado por trás da subjetividade do ato da escrita e do discurso em primeira pessoa, do dado narrado, é também uma reinvenção do tempo vivido, que busca, artificialmente, se pautar pela fidelidade às normas dos acontecimentos. Isso, em certa medida, não é o que reafirma a escrita do Eu como construção literária? Relatar a si mesmo é uma ação performativa e dialética, que dá ao Eu a tarefa de se pintar, de se criar (e até mesmo de se ficcionalizar) na sua própria existência. Mas, mediante o relato de si mesmo, surge, em contrapartida, a possibilidade do Eu (e do outro) de agir sobre a matéria relatada por meio de interpelações e de questionamentos de si (e do outro). Paraphrasing Judith Butler (2015, p. 26), a partir do momento em que o eu relata a si mesmo, por resposta ao que se supõe ser o si mesmo, o Eu se torna implicado numa relação dialética com o outro, porque o outro se interpõe diante de quem se fala e do que se fala. Relatar a si mesmo é possibilitar uma verdade subjetiva, fragilizada e deslizante da instância performativa que se assume como eu.

Valho-me, agora, para continuar seguindo o decurso de tempo de escrita deste texto, de Paul Ricoeur (1996) que, ao contrapor o tempo ficcional ao tempo histórico, apropria-se do termo variações imaginativas. Para o autor, o

tempo da ficção não se vincula ao tempo do universo. O primeiro, um recurso de vários tempos sobrepostos, não se inibe perante o dado histórico, embora, com ele, se inter-relacione. Já o segundo preza pela postura de isenção imposta à narrativa do historiador, buscando, sobretudo, por meio de uma suposta similitude temporal, a ruptura dos conectores específicos de re-inscrição do tempo vivido sobre o tempo cósmico. Ricoeur destaca, com grande ênfase, que a experiência ficcional de tempo, a seu modo, institui temporalidade própria aos personagens segundo a dimensão e a representação do mundo no qual se inserem. Logo, sem nenhum problema, tanto os personagens históricos, os acontecimentos datados, quanto os lugares geográficos podem ser mapeados e reinventados dentro do tempo ficcional. Este, longe de ser arrastado à inscrição de tempo histórico, alinha-se segundo a ordem dos acontecimentos representados pelo imaginário sem, no entanto, romper com o estatuto de irrealidade. Por outro lado, toda experiência ficcional descortina o seu próprio mundo, mundo, na verdade, único, incomparável e singular que, além de não seguir nenhuma linearidade temporal, não se limita a um único tempo imaginário. Além disso, as experiências ficcionais não são totalizadoras, diferenciando-se, portanto, do plano da história, limitado pelo tempo cronológico.

Se o escritor de ficção, no exercício de sua atividade criativa, depara com grande obstáculo a ser transposto, a transcrição da realidade, embora, paradoxalmente, saiba que esse ideal é inalcançável, penso no que escreveu Adam Mendilow (1972). Se a realidade não pode ser verbalizada, resta ao ficcionista, jogar, da melhor forma que puder, com a imaginação. A ficção deve provocar a sensação direta de se estar sendo, vendo e fazendo no plano do aqui e agora, levando o leitor a se esquecer de si e do mundo em que está vivendo. Já, em se tratando do ficcionista, este “deve colocar um sentimento de presença e presente nas mentes de seus leitores” (MENDILOW, 1972, p. 37), persuadindo-os com sua mentira agradável, transformando a ficção não em *factum*, trabalho de ação direta sobre as coisas do mundo real. A ficção deve ser alçada ao “status” de *fictum*, isto é, projeção enganosa, ilusória, representação que intervém entre o leitor e sua imediata percepção da realidade.

Por esse viés, voltando o olhar a mim mesma, lanço, então, a pergunta, que me instiga a pensar em tudo o que já foi escrito aqui, nesses longos tempos de escrita: seria o poema, *Atemporal*, que abre a estas reflexões sobre literatura, memória e tempo, sobre a pós-quarentena da COVID-19 e a cisão do Eu em tempo de isolamento social, somente da ordem da ficção? A ele somente

interessa o tempo ficcional, o tempo apreendido pelos sentidos do Eu dentro do mundo do texto, o tempo implicado na duração da passagem do tempo durante a sua leitura? *Atemporal* é um poema recortado pela memória das imagens dos dados percebidos nos tempos de pandemia, e à memória, lendo Fernando Rey Puente (2001, p. 281), somente interessam os fatos passados, pois o passado é o único evento capaz de vir à lembrança. Não há memória do futuro ou do presente. O primeiro é apenas a probabilidade, a opinião ou a expectativa em relação ao tempo e aos fatos vindouros. O segundo, o presente, é tão somente o evento passível de ser percebido, e a percepção diz respeito ao momento agora, excluindo o acontecimento futuro e o dado passado.

Inegável. O poema *Atemporal* é fruto dos dias em que fiquei em casa e se constitui em invenções de escrita, por certo. Mas a realidade presentificada pelos versos do poema não se constitui em meros retratos de ficção. Quem me dera, se fosse mais um conto astucioso de Sherazade, para as minhas, não mil, mas muitas noites de tempo estancado, aqui, acolá, em casa, longe das ruas e avenidas, das pessoas, das aglomerações da cidade em si. Em tempos de isolamento social, eu fiquei em casa, porque a cidade já não podia mais me comportar. E Eu é que me comportava e me virava no espaço dentro de casa. E Eu é que me comportava no meu Eu, que se tornou a minha própria companhia. Então, cedi a mim mesma ao tempo do “novo normal”, cuja cisão se fez a partir do momento em que o meu Eu se isolou do convívio com o outro. Se *Atemporal* se faz vivo por si mesmo no encontro com o seu leitor, ou seja, na interação do jogo do texto, apesar de carregar a marca histórica de minha escrita, ainda assim, o poema segue rumo às inúmeras possibilidades interpretativas. E eu sigo assim, acreditando que a vida, apesar dos pesares, mas, enquanto um texto, um belo poema, também pode ser reescrita diariamente. Contudo, no tempo do agora, um pedaço dela fora rasgado, vida rasgada como as antigas cartas em papel de pão. O Eu de todos nós foi descontextualizado de suas experiências diárias perante a incerteza do tempo do amanhã, a incerteza de que, no tempo do hoje, é possível contaminar-se pela temida COVID-19. Do poema, fica também a lembrança dos intervalos de tempo reconstruída enquanto escrita: o ato de lembrar situa a imagem dos tempos de isolamento social no tempo, que transcorre no tempo presentificado pelo poema. Paradoxalmente, desse espaço ambíguo de pertencimentos de tempos sobrepostos, hoje e amanhã, é de onde ecoa a minha voz. Voz que contesta o fazer nada. Um nada controlado pelo controle de ficar em casa, e cuja sensação

estranha é que o tempo, tempo, que não somente a mim, mas a todos nós, é-nos tão caro. Tempo de existência, que se faz, mais que nunca, como tempo instável, fragmentado, remontado diariamente. Então, das instabilidades advindas de muitas dúvidas, de falas de autoridades de diversos países, de orientações controvertidas ou não dos órgãos de saúde, de promulgação de leis, que mais se mostraram como posições autoritárias dos que legislam, fica é, só, o desejo mesmo, talvez, de estancar o tempo. Ficar em casa, por mais quanto tempo? O certo é que o tempo da existência passa e, à medida que o tempo passa, de tempo em tempo, torna-se, por si mesmo, um tempo atemporal.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

_____. *Vida líquida*. Organização de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BELO, Fábio Roberto (Org.); MARZAGÃO, Lúcio Roberto; PEREIRA, Antônio Marcos. *Sobre o amor e outros ensaios de psicanálise e pragmatismo*. Belo Horizonte: Ophicina de arte e prosa, 2011.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, Sigmund. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição Standard Brasileira*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

KIERKEGAARD, Søren. *É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *O conceito de ironia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Ou-Ou: um fragmento de vida, (Primeira Parte)*. Tradução Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

_____. *O conceito de angústia*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Editora Universitária São Francisco, 2010.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. Migrações do eu: recurso à autoficção em Sérgio Kokis. In: *Aletria: revista de estudos de literatura. Migrações do eu*. Belo Horizonte, PÓSLIT/CEL.

LEÃO, Jacqueline Oliveira; CURY, Maria Zilda Ferreira. A escrita autoficcional do *Diário do sedutor*, de Søren Kierkegaard, in: ALMEIDA, Jorge Miranda de; LIMA, Fransmar Costa (Orgs.). *Subjetividade, filosofia e cultura*. São Paulo: LiberArs, 2011, p. 151-165.

MELLO, Carlos de Brito e. *A passagem tensa dos corpos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MENDILOW, A. A. *O tempo e o romance*. Tradução de Flávio Wolf. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

PUENTE, Fernando Rey. *Os sentidos do tempo em Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RICOEUR, Paul. *Tiempo y narración III: el tiempo narrado*. Madrid: Ediciones Cristianidad, p. 1996.

SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Subjetividades da ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

Artigo recebido em 19/10/2020 e aprovado para publicação em 05/11/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i38-2020-1>

Como citar:

LEÃO, Jacqueline Oliveira. Ficção. Memória. Tempo: o *pós-quarentena* da COVID-19 e o Eu cindido pelo *isolamento social*. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 189-200, jul./dez. 2020. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br